

Dialogando / triangulando a questão cultural

Luiz Augusto F. Rodrigues¹

João Domingues²

A cultura vem alçando, gradativamente, centralidade nas discussões internacionais. Mais e mais a preocupação com a integração de um discurso “do cultural” vem atravessando a agenda de diferentes atores no cenário político, reorientando sua centralidade na definição das políticas públicas relacionadas ao desenvolvimento econômico, à diminuição das taxas de violência, ou mesmo à renovação das práticas jurídico-políticas. A Constituição brasileira de 1988 aponta claramente os direitos culturais no rol dos direitos sociais a serem garantidos ao conjunto da população.

Por ter se tornado um universo bastante especializado, pode-se afirmar que as políticas culturais já conquistaram uma certa história, seja em um cenário avaliativo, seja no espaço mais restrito de suas ações propriamente ditas nos modos de produ-

ção e organização da cultura. Desta feita, são muitas as possibilidades de interlocução entre as dimensões culturais da política e a dimensões políticas da cultura.

As políticas públicas de cultura, por sua vez, sobretudo na última década da gestão federal no Brasil, apontam diferentes dimensões a serem fomentadas e entendidas quando se atua no e a partir do campo cultural: a dimensão estética e simbólica, a dimensão ética e cidadã e a dimensão econômica.

Dentro desta lógica, e preocupados com a reflexão crítica sobre a produção cultural brasileira, em 1995 professores do Departamento de Arte da Universidade Federal Fluminense criaram o projeto do bacharelado em Produção Cultural. Ao longo de seus quinze anos, o projeto pedagógico deste curso de graduação buscou aprofundar as reflexões sejam sobre o campo da gestão e planejamento cultural, sejam sobre as teorias e expressões da arte e da cultura.

Neste contexto surgiram algumas recentes iniciativas, das quais destacamos o seminário internacional *Panorama da Organização da Cultura na América do Sul*, organizado pela coordenação do curso de Produção Cultural e pelo Laboratório de Ações Culturais (LABAC-UFF). Inserido no evento *Niterói Encontro com a*

¹ Doutor em História Social pela UFF; professor do curso de graduação em Produção Cultural da UFF.

² Doutorando em Planejamento Urbano e Regional pelo IPPUR-UFRJ; professor do curso de graduação em Produção Cultural da UFF.

América do Sul – desenvolvido pela Prefeitura de Niterói – este seminário se focou na parte sul do continente americano, mas com os olhos voltados para a América Latina como um todo.

Do seminário destacamos dois resultados especiais: a publicação deste número especial de **PragMatizes – Revista Latino Americana de Estudos em Cultura** reunindo parte das palestras e reflexões preparadas para o seminário; e a *Rede 8 pontos / Infinitos pontos em cultura*, responsável pela proposição inicial da carta construída por parte dos pesquisadores reunidos no seminário e cujas propostas se encontram destacadas nesta edição.

CONSTRUINDO O SEMINÁRIO:

Nesta proposta de se refletir sobre a organização da cultura em nosso continente, convidamos vários pesquisadores ligados a universidades e realidades sul americanas; alguns outros intelectuais convidados não puderam comparecer, mas as discussões lançadas já alcançam eco...

O seminário *Panorama da Organização da Cultura da América do Sul* foi estruturado em três eixos.

. “*Consumo cultural e cadeias produtivas da cultura*”, onde se buscou discutir o papel das indús-

trias culturais, o crescimento da economia da cultura / economia criativa, e métodos de investigação sobre o consumo da cultura.

. “*Panorama institucional da gestão pública de cultura*”, debatendo instrumentos de gestão compartilhada na cultura – conselhos, planos etc -, a questão da formação em produção e gestão cultural, e experiências no campo da gestão pública de cultura na América do Sul.

. “*Movimentos sociais: territórios interculturais e direitos*”, com reflexões sobre a gestão territorial com base na cultura, novas articulações entre gestão urbana / gestão cultural, e interlocuções entre direitos culturais e movimentos sociais.

Os artigos que compõem esta edição são representações de algumas das falas do seminário, somadas ao ensaio assinado por Alexandre Barbalho, Antonio Albino Rubim e Leonardo Costa que dialoga com o segundo eixo temático, apresentando-nos dados sobre o campo da formação na área cultural.

A experiência de Rosário com as feiras de artesanato apontam questões importantes para pensarmos o consumo e as cadeias produtivas na área cultural. Onze feiras estruturam o espaço urbano rosarino, com forte viés de atratividade turística ao

estruturar uma espécie de “corredor” formado por estas feiras. A gestão partilhada pelos expositores destas feiras ajuda a tecer uma rede que busque compartilhar responsabilidades entre esferas administrativas municipais e os produtores artísticos. Virginia Masau nos incita e refletir sobre “un proceso de democratización del Estado en virtud de la incorporación inminente de los actores directamente involucrados al diseño de las políticas dirigidas al sector”.

Já o quadro geral apresentado por Alessandra Meleiro nos apresenta as perspectivas internacionais e o grande potencial econômico das cadeias de produção na área cultural. “A economia criativa tem sido compreendida como uma potencial alavanca para o desenvolvimento de muitas nações, sendo que mais de 60 países já realizam procedimentos sistemáticos de mapeamento do seu setor criativo”, resume a autora.

Outra face da economia da cultura e da produção social de bens culturais é apresentada por Elizete Ignácio. Descrevendo as experiências de produção, circulação e consumo do *funk* no Rio de Janeiro, a autora analisa os impactos deste gênero musical na cidade, e suas imersões em outras fronteiras nacionais e internacionais.

Marta Elena Bravo nos mostra que a política nacional de

cultura da Colômbia guarda vários paralelos com o que estamos buscando construir aqui no Brasil. Tanto lá como aqui se constata alguns instrumentos da gestão pública de cultura apoiados em conferências participativas, formulação de planos, criação de fundos de recursos financeiros, preocupação com a formação e com a salvaguarda do patrimônio. A experiência colombiana, sobretudo em Medellín, nos interessa diretamente também por conta da implantação de equipamentos culturais em zonas de incidência de violência urbana, alcançando assim um novo quadro de requalificação do tecido social local. “Nacimos para habitar creativamente nuestro mundo [...], crear y dejar memorias que nos enlazan con el pasado, le dan significado al presente, y nos permiten vislumbrar un futuro con el cual tenemos la obligación de sembrar esperanza para los que nos sucedan”, pondera a pesquisadora.

O mestrado em Estudos Culturais da Universidade Nacional de Rosario, na Argentina, é um dos nossos recentes parceiros. Esta parceria nos foi possível construir a partir da coordenadora daquele programa, a professora Mónica Bernabé. As preocupações apresentadas pela palestrante são referentes ao entendimento ampliado da noção de cultura e suas práticas contemporâneas e o desafio ao dialogar este campo no interior de instituições mais cristalizadas,

como por exemplo a academia. Este dilema tem bastante procedência com nossa realidade. A autora nos alerta que as “modernidades desbordadas, como la de los demás países periféricos, están dramáticamente atravesada por la desigualdad. Lo acuciante de nuestras sociedades se traduce en millones de personas que están fuera del sistema a causa del diseño de políticas de exclusión internas y externas. De ahí que el lugar desde donde se habla o desde donde se teoriza se vuelva particularmente relevante”.

A reflexão sobre o universo das práticas e da produção cultural, assim como a formação de quadros técnicos para operar o campo da organização da cultura é cada vez mais latente na atualidade. Que lugar as universidades estão ocupando nesta perspectiva? Que “falas” as universidades vêm produzindo, e que críticas e/ou reflexões são, ou devem ser delas emanadas? O quadro da formação na área cultural nos é apresentado em detalhes, e debatido no artigo de Barbalho, Rubim e Costa. Como apontam os autores, “após analisar a literatura que discute esse tema no contexto latino-americano e as especificidades brasileiras, apresentaremos os principais dados referentes ao mapeamento que abrange de forma sistemática as mais diversas instituições que trabalham na formação e qualificação em organização da

cultura nos mais diferenciados níveis de aprimoramento (atividades presenciais e on-line de extensão, graduação, especialização, mestrado, doutorado etc.) existentes na atualidade brasileira”. As contribuições de Alexandre Barbalho durante o seminário avançaram, sobretudo, na dimensão cultural de grupos tidos como “periféricos”.

Toda esta discussão, esperamos, pode fazer brotar novas consciências e novos padrões de urbanidade e convivência que reafirmem atitudes éticas e aprofundem a pesquisa de nossas realidades a partir do viés cultural. São inúmeras as possibilidades de reencantamento e reapropriação a partir da dimensão cultural. Apontamos, ainda, as falas de Alexandre Barbalho, Carlos Vainer e de Patricio Rivas durante o encontro sul americano em perspectiva, falas estas que também podem ser *ouvidas* na plataforma web.

Esperamos que as vozes “aqui” presentes sejam capazes de reverberar os diálogos sobre as questões culturais, sempre atentos à necessidade de triangular estas questões com questões de outras naturezas: sociais, territoriais, urbanas, educacionais e assim por diante.